ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
29 DE DEZEMBRO
1927
Nº 7

Representantes de «ARLEQUIM»

NO ESTADO DE S. PAULO

NA LINHA INGLEZA.

SANTOS. — Moacyr Serra.
JUNDIAHY. — Horacio Lopes Camargo (venda avulsa)
BRAGANÇA — Plinio de Paula Braga.
PIRACAIA — Lydio Herdade.

NA LINHA PAULISTA.

CAMPINAS. — Americo Belluomini.
SANTA BARBARA. — Joaquim A. do Canto.
PIRACICABA —José Martins de Toledo.
LIMEIRA. — Nestor Martins Lino.
CORDEIRO — Antonio P Lordello.
ARARAS. — Joviniano Pinto.
PIRASSUNUNGA. — Elias Mello Ayres.
PALMEIRAS. — Leonidas Horta Macedo.
PORTO-FERREIRA. — Carlos Fenili.
DESCALVADO. — Gabriel de Arruda.
SANTA RITA. — Gabriel Pompeu de Toledo.
RIO CLARO. — Valdomiro Guerra Corrêa.
ANNAPOLIS. — Pedro Levy.
ITYRAPINA — Joaquim Toledo de Camargo.
S. CARLOS — Ottoni Pompeu Piza.
ARARAQUARA. — Sizenando da Rocha Leite.
JABOTICABAL. — Clodomir F. de Albuquerque.
PONTAL. — Antonio Godoy.
MINEIROS. — Sylvio da Costa Neves.
JAHU'. — Synesio Paes de Barros.
BARRA BONITA. — Armando Ognibene.

NA LINHA ARARAQUARENSE.

MATTÃO — Walfredo Andrade Fogaça.
SANTA ADELIA. — Salvador Gogliano Junior.
ARIRANHA. — Bruno Vollet.
CATANDUVA. — João Pires de Aguiar.
RIO PRETO. — João Teixeira de Lara.

LINHA DOURADENSE.

BICA DE PEDRA. — Tito L. Ferreira.
ITAPOLIS. — João Ramacciotti.
SÃO JOÃO DA BOCAINA. — Lazaro G. Teixeira.

LINHA MOGYANA

MOGY-MIRIM. — Mario de Barros Aranha.
ITAPIRA. — José da Cunha Raposo.
ESPIRITO S. PINHAL. — José F. de A. Marques.
CASCAVEL. — Nicanor Martins Lino.
CASA BRANCA. — Jorge Mercado.
MOCOCA. — F. R. Baena de Castilho.
TAMBAHU. — João Barcellos Filho.
CAJURU. — Francisco Faria Barcellos.
SÃO SIMÃO. — A. Siqueira de Abreu.
CRAVINHOS. — Francisco Gomes.
RIBEIRÃO PRETO. — Antenor Ribeiro.
SERTÃOZINHO. — Leoncio F. do Amaral.
FRANCA. — Antonio Constantino.

LINHA SOROCABANA.

SOROCABA. — J. J. Fernandes Barros.
ITAPETININGA. — Elisiario Martins de Mello.
ITU'. — Firmino Teixeira.
AVARE'. — B. Euphrasio de Campos.
RIO DAS PEDRAS. — Manuel Costa Neves.
SÃO PEDRO. — Julio Oliveira.
CAPIVARY — João Stein.
ELIAS FAUSTO. — Vicente F. Bueno

LINHA NOROESTE.

BAURU. — Brenno Pinheiro.
PIRAJUHY. — Frontino Brasil.
PENNAPOLIS. — Gustavo Kuhlmann.
ARAÇATUBA. — Atoalba Rosa.

LINHA CENTRAL.

PINDAMONHANGABA. — José Vieira de Macedo.
CAMPOS DE JORDÃO — Delio Rangel Pestana.
GUARATINGUETA' — Julio Penna.

LITTORAL.

IGUAPE'. — Eulalio Arruda Mello.

CAPITAL DA REPUBLICA. — Amadel Soares.
Rua do Cattete, 186. Odilon Jucá (Exclusividade commercial) Rua do Ouvidor, 164.

NOS OUTROS ESTADOS

ALAGOAS. — Maceió : José Lins do Rego.
CEARA' — Fortaleza : Gilberto Camara.
MINAS GERAES — Bello Horizonte: Mario de Lima; Juiz de Fóra : Alarico de Freitas; Cataguazes : Henrique de Rezende ; Passos : Wellington Brandão; Santa Rita de Cassia : Argemiro Pinto ; Itajubá : Benedicto Pereira; Uberaba: Reis Junior.
PARAHYBA — Capital : Adhemar Vidal ; Campina Grande : Irineu Persiano da Fonseca.
PARANA' — Curityba : Paulo Tacla.
PARA' — Belém : Alberto Queiroz de Andrade.
PERNAMBUCO. — Recife : Mario Mello.
RIO DE JANEIRO. — Nictheroy : Murilla Torres.
RIO G. DO NORTE. — Natal: Luiz da C. Cascudo.
RIO G. DO SUL. — Porto Alegre : Mansueto Bernardi ; Santa Maria : Vicente Gomes; Pelotas : Sallis Goulart; Caxias : Olmiro Azevedo; Bagé : Fanfas Ribas; Tupaceretan : Baldomero Fernandes ; Cachoeira: Orlando da Cunha Carlos; Lageado : Decio Martins Costa ; São Luiz Gonzaga: Juvenal Pinto; Santiago do Boqueirão: Rivadavia Severo.
SERGIPE — Aracajú : Epithanio Dias.

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÁS QUNTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.° andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE CENTRAL 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

POR ANNO . . 40$000

POR SEMESTRE 22$000

NUMERO AVULSO 1$000

GERENTE

HORACIO K. DE ANDRADE

DIRECTORES

SUD MENNUCCI

MAURICIO GOULART

AMERICO R. NETTO

ILLUSTRADOR

J. G. VILLIN

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Aos nossos leitores e assignantes

Quem acompanhou carinhosamente o desenvolvimento de ARLEQUIM nestes dois mezes de existencia, notou, sem duvida alguma, que, apezar dos esforços titanicos de seus directores, muita, muita cousa deixaram a desejar as suas edições, quanto ao lado esthetico e quanto á sua factura material: revisão descuidada, illustrações apressadas, ou mesmo falta de illustrações, reportagem photographica deficiente, clichés defeituosos quando não indecifraveis, impressão imperfeita.

Seria injustiça nossa fazer recahir a culpa desses senões sobre os funccionarios que nos servem com dedicação e devotamento. Examinando-lhes os motivos determinantes, friamente e serenamente, acabamos por nos convencer que a causa é uma só: a pressa.

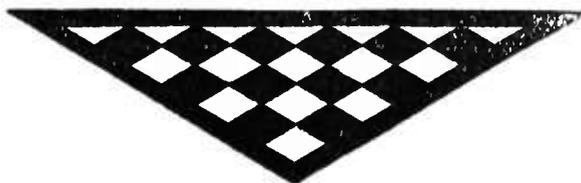
Revista dirigida por tres rapazes do jornalismo paulistano, que não fazem della um meio de vida e antes se abalançaram a esse emprehendimento movidos unicamente pelo desejo de dotar São Paulo de uma publicação ao nivel de seu adeantamento, prefiririamos fechar as portas a offerecer aos nossos leitores e asssignantes um periodico que não se enquadrasse dentro do nosso programma.

Verificado que o mal de que ARLEQUIM padece é a pressa com que é organizado, depois de maduras reflexões, bem a contra gosto, e emquanto não estivermos convenientemente preparados em installações graphicas, o que levará de tres a quatro mezes, resolvemos adoptar as seguintes medidas, que vão entrar em vigor em janeiro proximo :

1.ª) as nossas edições continuarão a sahir ás quintas-feiras mas não semanalmente, que sim alternadamente ;

2.ª) o exemplar, bem augmentado do numero de paginas e enriquecido de reportagem photographica e outras secções, passará a custar 1$500 na venda avulsa ;

3.ª) o preço da asssignatura annual continuará a ser de 40$ e a semestral de 22$.

A titulo de compensação pela mudança provisoria de regimen, a assignatura dos nossos actuaes assignantes de semestre terminará a 30 de Junho e dos de anno a 31 de dezembro de 1928, contada do primeiro numero.

De Rabindranath Tagore

"Amo-te, meu bem-amado. Perdôa-me o meu amor".
"Se me não podes amar, bem-amado, perdôa-me a minha dor."
"Se me amas, bem-amado, perdôa-me a minha alegria."
"Quando, sentada no meu throno, te govérno com a tyrannia do meu amor, quando, como uma deusa, te concedo as minhas graças, supporta o meu orgulho, bem-amado ! e perdôa a minha alegria."

Mundo interior

Busco ver-te e não te vejo, não...
busco por toda parte onde sei que não estás,
e por mais que não te veja
mais te quero ver,.,
e por mais que me fatigue nunca te posso ver,
pois, vives dentro de mim, ó minha sombra amada!,..
vives dentro em meus olhos
— qual uma sombra encantada.

Edgard Braga

expose a l'hotel de l'Esplanada tout ce qui interesse la femme raffinée: robes modèles de Patou, Lauvin, Chapeaux, Lingerie, bijoux copies exactes de Cartier. A l'occasion des fêtes du jour de l'an, grande vente a des prix exceptionnels de sacs de soir en brillants.

Apparfement 327

O PASMADO

O movimento de nacionalismo literario, a que se empresta o titulo de brasilidade, vae ensejando a descoberta de lindas cousas até agora inapercebidas. Mais attenção voltada ao que é nosso, legitimamente brasileiro. Porque (vem a proposito a phrase do fino artista do verso Manoel Carlos) os modernos são caçadores de thesouros e, como tal, não teem róta certa. Mas, no anseio que os incita a procurar sempre, no intenso labor em busca do veeiro occulto, tópam, a cada instante, preciosidades que remanesciam incognitas aos olhos dos poetas e prosadores.

De tudo o que forma e enfeita o lirismo dos nossos campos, no enredeado das bellezas rescendendo o cheiro da terra prodigiosa e marcadas pelas cores derramadas, em desordem da palheta da natureza tropical, os bardos antigos, e a maior parte dos de hoje, só aproveitaram paisagens e scenas, que estropiavam, para lhes dar os pastores tardigrados de cajado e sacóla, os cantos dos rouxinóes forasteiros e as mansas ovelhas dos campos europeus. E, mais interessante, enxotaram do proprio rancho o Sacy, a Mãe-d'Agua, o Caapóra, a Mãe-da-Lua, para alugal-o aos avejões da mythologia greco-latina.

Cegueira e exaggero.

Cegueira — ante a raça e a nacionalidade. Exaggero — ante os estrangeirismos sem significado.

O trabalho dos modernos-brasileiristas carece ainda de certeza de finalidade. Pesquisam. Batem a mataria inexplorada, sem rumo fixo. Porque atravessam a epoca da transição.

E, emquanto o bandeirismo literario vae revelando o outro Brasil, liberto de moldes estrangeiros, o indigena começa a comprehender os thesouros da Terra que lhe surgia ao espirito misteriosamente barbara e inentendida.

× × ×

Paga a pena, o trabalho de um estudo dessas "cousas" que entretecem a poesia do passado e das tradições. E, dellas, limitar-me-ei ao rapido registo de alguns commentarios sobre o pasmado.

Taunay, salvo equivoco, foi o unico escriptor que citou o pasmado em um dos seus trabalhos literarios, porem, fêl-o de passagem, sem interpretar o lirismo daquelle fantasma de porteira que resta na quietude dos campos: "Este pasmado está podre e breve deixa cahir a porteira". Dahi se infere que Taunay registou o pasmado como o velho moirão da porteira ainda existente, quando, aqui no Oeste de São Paulo, é moirão remanescente da porteira de outróra. E' sosinho, quasi sempre fincado entre macegas brutas, beirando a estrada a que dava accesso antigamente e hoje intransitavel, esquecida.

Ha, portanto, differença entre o pasmado do romance de Taunay e o que conheço. Demais,

o proprio vocabulo "pasmado" significa espantado, aturdido. Tenho que o moirão é pasmado como alguem que se vê ao desprezo dos mais.

Ora, se se admitte esta ultima significação que é a verdadeira, improcede chamar-se pasmado ao moirão que ainda sustenta a porteira em estrada transitavel.

× × ×

O certo é que o antigo moirão, solitario no abandono dos campos, apenas procurado pelos passaros vagabundos, é em si de um lirismo incomparavel. Fóra da alegria da paizagen, fica de longe voltado para a kermesse da vida, lugubre no silencio do seu isolamento, triste na viuvez da sua saudade!

Em viagem por estranhas paragens sertanejas muita vez no corisco do olhar atravéz das campinas cobertas de verdura um pasmado me surgia, no seu doloroso aspecto de monge solitario, no vôo do automovel em carreira louca. Era como a recordação de alguma cousa extincta na voragem dos annos.

× × ×

Delle tirei um poema do meu "Este é o Canto da Minha Terra. ":

O PASMADO

E' o moirão de um velha porteira que ficou
sosinho, na tristeza da sua solitude,
á margem da velha estrada.
Em meio da alegria dos campos
só elle, o pasmado, resume
a immensa melancolia das cousas desprezadas

E' o abantesma de outros tempos.
E' a recordação mumificada, olhando o que se foi
como se o olvido estivesse a carpir-se
quieto na hypnose do proprio abandono!

Ainda, no topo, entalhada na madeira
a pequenina cruz da antiga porteira
assignala-o como a divisa de um templario
armado para a cruzada da Fé.
E, na lethargia dos ermos,
o pasmado é o sacerdote solenne
que, na ascése, se mortifica a meditar
flagiciado ao martirio das saudades!
Crescem-lhe em torno as macegas do espinhento caruru,
e os juás lhe offertam o veneno
côr de ouro dos seus fructos sazonados.

E, emquanto as batuiras titilam
aos trilos tiritantes dos pios tremidos,
o pasmado conserva-se
immoto, de pé,
a escutar a cantiga que o carreiro
entôa agora, á musica do carro,
ao longe,
desviado por outros caminhos.

Afinal, as cousas antigas, que simbolizam a fatuidade de tudo sob a erosão do Tempo, teem uma alma e um lirismo em que se escondem bellezas inigualaveis.

E á caça desses thesouros andamos nós, batedores da Nova Crença.

ANTONIO CONSTANTINO

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I **29 DE DEZEMBRO DE 1927** **N. 7**

ANNO NOVO...

Anno novo... anno bom?... Sempre a mesma interrogação a dansar-nos deante dos olhos, pesar de toda a nossa displicencia fria e elegante de creaturas muito seculo XX e a despeito do enorme logro que nos haviam impingido os outros annos, cada um dos quaes, ao chegar, havia sido o "anno-bom".

A Esperança — fada verde, ironica e caprichosa, bem nos conhece a psychologia e acena sempre aos nossos olhos ingenuos de eternas crianças com algum brinco maravilhoso que de longe nos encanta e arrebata, para depois desiludir-nos e desencantar-nos, quando ao alcance da nossa mão.

Porisso, todos os annos, ao principiarem, foram para a nossa esperança magico "film", vivido e desempenhado por nós e de cuja projeção esperavamos se realizassem todos os nossos mais doces e deliciosos sonhos.

Mas, na ronda monotona dos dias se escoa um anno e as tres pequeninas letras de "FIM" já se projectam na tela trepidiante e reconhecemos, então — com que desapontamento! que o "film" vivido e desempenhado por nós não passava de um falho e grotesco arremedo daquelle que houveramos fantasiado!

Mas, nem á força de serem repetidos e continuados esses desencantos, nos curamos — incorrigiveis que somos — da enfermidade terrivel e deliciosa de sonhar...

Verdade é que nos tornamos um pouco mais scepticos, com um travo a mais de fél no amargor da nossa taça e a curva dorida de um sorriso nos labios...

Talvez seja melhor assim. semear a gente um pouco de sonho e poesia na prosa insulsa da vida!

E, á primeira bolha de sabão que atravessar o nosso caminho, estenderemos anciosamente as mãos, correndo-lhe empós, com tropeços aqui e quedas acolá, na febre doida de alcançal-a...

E por noites maravilhosas de Dezembro, quando o Natal põe um brilho luminoso nos olhos das crianças e um bater alvoroçado em seus coraçõesinhos a alma infantil que dorme no fundo de todos nós, desperta e alçando o olhar para as estrellas que salpicam o velludo escuro do céo, como luzinhas distantes de uma grande Arvore de Natal, tambem nós nos alvoroçamos, sonhando um sonho fantastico de ventura e bellesa e rogamos, com ingenuo fervor, a esse sympatico e bondoso velhinho, ao São Nicoláu do nosso destino, que nos traga esse brinquedo lindo, chamado Felicidade, tão ardente e apaixonadamente desejado por nós e que nunca será nosso...

Else Pinheiro

MASCARA DE COLOMBINA

"REVEILLON"

— Boa noite. Custou-me descobril-a. Bonita festa, heim? Onze horas apenas e a sala apinhada. O « grand monde » .

— Perdão, misture.

— Observo e misturo. Sento-me. Gosto das suas piadas.

— Dizia que o « grand monde » .

— O « monde mixture » — para lhe ser agradavel — todo aqui. Vejamos. Aquella moça de olhos azues e vestido lantejoulado ... Um mimo. « Tanagra » viva. E a companheira? Morena de peccado! Que cabellos! Que olhos! Que bocca! Que braços! E o cólo? E..

— « Stop »! Sabe do brinde á noiva?

— Para servil-a, minha senhora, sou capaz de saber tudo. Fico-me no cólo, mesmo porque as pernas da que está vestida de...

— « Strass » verde sobre « lamé » rosa cravo.

— .. são de tontear.

— Tenho saes inglezes.

— Aqui, á esquerda, toda de renda marfim, sem uma joia, ingenua, quasi virginal, a senhora L., que arruinou o marido, e já possúe metade da fortuna milliardaria do banqueiro R. Além, na mesa grande donde parte um vozerio internacional, ha uma mulher lindissima. Alguns dizem-na russa, outros oriental e ainda ha quem a supponha brasileira. Attrahente, intelligentissima, ar de vendedora de alegria...

— E que bella roupa de estylo!

— E' a mais sentimental das mundanas. Sei-lhe do fraco pelo Carvalhinho, o poeta das horas vagas. Na mesa ao lado, as filhas do conde H — condato de alguns contecos e todas as bençãos do Vaticano — mortinhas por casar. Andam pelos cinemas, chás, festas de caridade, praias de banhos, omnibus, autos-locação e adherentes, e

— Aquiete-se, moço.

— Eis o Didi.

— Didi?

— Um bonitão. Conhece-o toda a roda elegante. Bom moço .. Acompanha as donzellas durante o dia e á noite, nos « cabarets », é par constante das « cocottes ». De cabellos oxygenados e costas núas, já fez vista no palco aquella mulherzinha um tanto gorducha. Viviam todos de cabeça a arder.

— Agora...

— Agora faz o que póde com uns restos de mocidade. A' nossa frente, o senador... — approxime o ouvido... o senador. . Que cheiro gostoso!

— Calma. Continúe.

— Um politico de destaque. Destaca-se entre a mulher, cincoentona bem conservada, e a amante.

— Uma menina!

— Cousas da edade. Mas ha um sorriso estudado em tudo, maneiras aprendidas, movimentos de mulheres de cinema... Até animadas pela dansa, pelo calor do alcool são artificiaes.

— Senhor! Este homem tão « dandy » ainda preceitúa moral de caruncho!

— A moral de caruncho é a minha? E o seu ar enfastiado? Sabe, vou fechar a janella. Não pára de olhar as estrellas. Espie, antes, as cá da sala. São mais palpaveis...

— Palpaveis? E' bôa.

— Para não dizer..

— Inconveniente.

— Meia noite. Que barulho! Vamos. Acompanhe o terço... Hurrah! Hurrah! Beba a taça de champagne. Toda. Anno Novo! O mundo sempre o mesmo. Apenas para alguns um desfecho inesperado doura um pouco a monotonia da vida.

— Doura?

— Doura. Tambem, por galanteria, posso mudar o colorido: avermelha. Sorri? Ainda bem. Mais champagne? Biscoitos? E' encantadora, sabe?

— Perde o tempo.

— Talvez. Ouça. Um "charlestone" na conta... Venha dansar.

ALBA DE MELLO

A tua mão

Primeiro a tua mão. Assim Assim.
Mão de Branca de Neve!
Vê como a beijo: — Assim, muito de leve..

Beijando a tua mão. eu sinto em mim
A extranha sensação
De que palpita á palma um coração.

O elogio dos olhos

Os seus olhos amados
« Ha nos seus olhos romanticos, velados,
A suave caricia de um estofo persa ».
— Ella pensa, porém, de maneira diversa
e diz:
« Se tens essa impressão
é porque quando eu te olho, eu ponho nos meus olhos
todo o meu coração. »

RAUL SANTOS

NÓS DOIS

Eu e Tu viveremos numa symbiose

Tu precisas de mim, para virilizar-te as fraquesas de mulher;

Eu preciso de ti, para enfraqueceres os meus impetos de homem ;

Tu, sem que eu te vá ao encontro, és um ser incompleto, inexpressivo ; és quasi divina; faltam-te os ardores sublimes da humanidade peccante

Eu, sem ti, sou apenas humano ; sem as scentelhas que teus olhos me accendem, vivo sem ideal, terrestremente, terraplenamente

Desces, como raio de sol e eu me elevo, como um pincaro azulado, na ansia de te receber no meio do caminho, antes que te dissemines pelas planicies semeando flores

Cahes, como chuva fecundante e eu me desdobro em fronde espessa, para beber-te gotta a gotta, antes que te macules na terra impura...

Cantas as harmonias do vento e eu atravesso o espaço, como ave intrepida, sem limites no vôo, e lá no infinito, canto e danso no teu seio e guardo, uma a uma na garganta, as canções que tu cantas, antes que as arvores transformem em gemidos o teu canto

Eu preciso de ti

Tu precisas de mim

Mario L. de Castro

Um grupo á sahida da missa de Santa Cecilia.

Olham . . . uma para traz, outra para o lado, outra . . . nem se sabe para onde. A da direita apenas não desviou o rosto da objectiva de "Arlequim". Mas. nem sorriu!

Senhorita Esther Freire de Carvalho,
filha da Sra. D. Marietta Freire de Carvalho e
cunhada do nosso colla-
borador Brenno Pinheiro

Senhorita Maria Paula de Barros Monteiro, notavel declamadora e fino elemento da nossa sociedade. Reapparecerá dentro em breve, num recital, ao publico de São Paulo, que tantos applausos já lhe tem tributado.

NOITE ENCANTADORA

MOÇAS. OLHOS LINDOS. SORRISOS CHEIOS DE GRAÇA. VOZES MARAVILHOSAS. VIOLÕES ENCANTADOS! AHI AO LADO ESTÁ O GRUPO QUE CANTOU "RIBEIRÃO QUE CORRE, CORRE", "BAHIA" E "QUEBRA MORENA", E QUE GANHOU MINUTOS INTEIROS DE APPLAUSOS ENTHUSIASTICOS.

— Allô.
— E' central 1.0.2.4 ?
— Exactamente, senhorita.
— Poderia você arranjar-me ainda um convite para a festa de amanhan ?
— Infelizmente...
— Não diga que é impossivel: quero, preciso e vou ao São Paulo Tennis!
— Nesse caso, senhorita...
— Posso mandar buscar o convite ?
Arlequim adora as mulheres teimosas de narizinho arrebitado e atrevido.
— Pode, senhorita.
— Muitissimo obrigada.

21 horas. Dia 18. A rua Pedroso está cheia de automoveis e o céo salpicado de estrellinhas.

No elegante (que adjectivo burguez !) no aristocratico salão do São Paulo Tennis começa a entrar gente, da mais fina soccìedade, da mais culta.
— Muita gente, Cipullo ?
— Demais. Um successo !
E Vicente Cipullo, cavalheiro, incansavel, os olhos brilhantes de contentamento, é, sosinho, uma perfeita "commissão de recepção".

A ILLUSTRE DECLAMADORA CARIOCA, SENHORITA MARINA DE PADUA, ENTRE CORRÊA JUNIOR E CLEOMENES CAMPOS, OS DOIS NOTAVEIS POETAS.

Gaby da Nova, que encantou, cantando.

— Que pena o Oswaldo estar na Argentina!

— Que pena o Ferraz estar na Argentina!

— Que pena o Alvim estar na Argeutina!

São exclamações que se ouvem a cada passo.

21 horas.

— Podemos começar?

E' o Marcondes, da Radio Educadora Paulista, a mais perfeita estação transmissora do Brasil (gloria a São Paulo!) que insiste para que a pontualidade nossa se phantasie de ingleza.

— Começamos já. Pode avisar aos milhares de socios que vae ter inicio o sarau litero-musical patrocinado por «Arlequim».

Villamonte, Sampayo, vamos ver!

A «orquestra tipica argentina Sampayo-Villamonte» entra no palco. E' recebida sob calorosos applausos. Nem tocaram nada, ainda, mas o auditorio já adivinhou que Zunga Leal, Lilico Leal, J. L. Villamonte, e Fernando de Sampayo são maravilhosos.

Ouvem-se «La cumparsita» e «Araballero». Lindo! J. L. Villamonte é, na verdade, o unico e explendido bandaneon que temos; Fernando de Sampayo, incontestavelmente, faz magicas em cima dos teclados; Zunga e Lilico Leal arrancam do violino sons maravilhosos e ineditos.

Continua a chegar gente. Não ha mais logar no salão. Um punhado de moços está de pé. Ha espectadores no terraço.

Transmitte S. Q. A. G. Sociedade Radio Educadora Paulista. O poeta Corrêa Junior vae dizer os seguintes versos de sua lavra: «Para dizer-te o meu amor de poeta», «Eu sou triste porque sou feliz» e «O varredor da rua».

Quantas palmas Corrêa Junior ganhou! Tambem, Corrêa Junior é, hoje, o maior lyrico que passea pelas ruas de São Paulo, vestido a 1927, mas com a alma toda cheia, ainda, de serenatas e bandolins...

Marina de Padua, que disse deliciosamente.

Depois do sarau litero-musical, principiaram as dansas e "ellas" ficaram tão contentes! Vejam só o sorriso que ha em todos os labios...

Bifano — Gaya — Alonsito

Alonsito! Bifano! Gaya!

Violão, tangos argentinos, musicas regionaes brasileiras.

Alonsito é, incontestavelmente, quem melhor canta tangos argentinos no Brasil. Prova disso é o barulho que ha na sala quando elle canta. Na verdade, tantos e tão insistentes são os pedidos de «bis», que, se Alonsito fosse satisfazel-os sempre, não pararia nunca de cantar.

E Henrique Bifano e Hudson Gaya? Para que elogial-os? São Paulo sabe de sobejo que são elles quem, com Alonsito, formam o «trio» mais querido dos nossos auditorios.

«O que se chama Pastoril
lá nas terras do norte brasileiro
E' uma festa nocturna
e semanal..."

Galvão Cerquinho, quando disse estes primeiros versos da «Tyrana», commoveu-se. E' que elle se lembrou do seu formoso Pernambuco, terra de mulheres bonitas e de homens poetas...

A «Tipica Argentiga» volta ao palco. E' o fim da primeira parte.

Alonsito

Gaby da Nova!

«Ça fait peur aux oiseaux».

Até agora houve adjectivos para todos. Mas, e para a senhorita Gaby da Nova?

Canta maravilhosamente bem?

E' fraco.

Tem a voz suave e branda, a voz que teriam as flores se fallassem?

E' pouco.

Não ha, positivamente, elogios.

Façamos isto, pois: !!!

"Felicidade" "Diabinha."
"Voce passa por mim e finge que não vê
como ficam meus olhos
quando encontram os olhos de voce".

E' Mauricio Goulart quem está recitando.

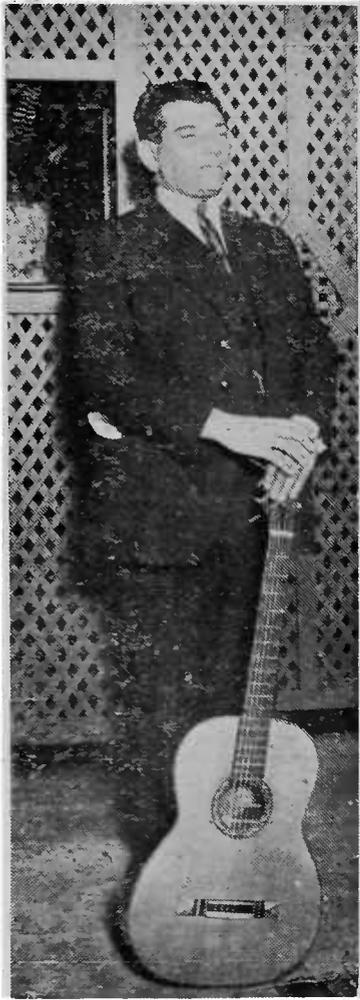
Positivamente, elle, Galvão Cerquinho e Valerio Vargas, estão maniacos com o "voce".

Segue o programa.

Ha mais um numero da "Tipica argentina".

Depois, entra Cleones Campos, que escreveu o "De mãos postas".

Recita "O Estudante e a Tabaroa" e "Se o mundo fosse um reino encantado".

As palmas crescem, intensificam-se Cleomenes Campos é obrigado a conce-

BIFANO, QUE SABE CANTAR AS NOSSAS CANÇÕES CAMO BEM POUCA GENTE

— Annibal, tire outras photographias. De todos os que tomaram parte na nossa festa. Deste publico culto e fino que está na sala. Vamos, Annibal!

— Ha um numero extra.
— Quem é ?
— O Corrêa Junior vae contar.
"Arlequim" tem o prazer de vos apresentar.. Marina de Padua."

Marina de Padua! Declamadora carioca, das mais intelligentes e illustres que nos tem visitado, trouxe para São Paulo, além da sua grande arte, um cartão de Olegario Mariano, o cantor das Cigarras, e que nol-a apresentou como a "irmãsinha dos poetas"

Marina de Padua! Disse versos, interpretou-os de uma maneira toda sua, toda nova, exquisita, terna, bonita, delicada! Foi, com certeza, um dos grandes numeros do programma de "Arlequim"

Marina de Padua recebeu flores e foi enthusiasticamente applaudida. Pousou, em seguida para a nossa objectiva, entre Cleomenes Campos e Corrêa Junior.

E foi, ahi, que fizemos Marina de Padua prometter que viria a São Paulo dar um recital. E Marina de Padua

J. L. VILLAMONTE, QUE TEM UM BANDANEON MAGICO.

der um "bis", e diz "Onde a ventura mora"

— O que!? Um numero de declamação agradou tanto?

— Sim. Mas, quem estava declamando era Cleomenes Campos.

Alonsito, Bifano e Gaya voltam ao palco.

Desta vez, cantam... Impossivel dizer o que cantaram. A gente tinha a impressão até de que os trez ficariam no palco a vida toda. Mais uma, mais uma, mais uma!

Ultimo numero da segunda parte: um punhado de senhoritas e rapazes da melhor sociedade paulistana.

Violões, sanfona, cavaquinho. "Ribeirão que corre, corre..

Palmas, muitas palmas. Exito completo.

A "Tipica argentina", De pé, da esquerda para a direita : Lilico Leal, Fernando de Sampayo e Zuñga Leal. Sentado, J. L. Villamonte.

Parte da numerosa assistencia que foi á nossa festa.

Parte, sim... Havia, ainda, gente do lado de fóra e muita junto e dentro do palco...

prometteu-nos isso. Assim, a teremos dentro em breve, novamente, para encanto da nossa cidade, que precisa conhecer artista de tal valor.

Agua fria no enthusiasmo, moço!

...Continua o programma.

Transmitte S. Q. A. G.

Mercado Junior recita "Resignação" e "Sabedoria".

Transmitte S. Q. A. G.

Alonsito, Bifano e Gaya vão de novo ao palco.

Transmitte S. Q. A. G.

Americo Netto está declamando "Se tu queres de mim"...

"Estamos irradiando a festa do São Paulo Tennis, que se está realizando sob o patrocinio de "Arlequim", revista de actualidades que se publica nesta capital sob a direcção, etc."

Oh ! propaganda !

Entra o coro de violões, novamente, e acaba o programma.

* * *

"Arlequim" não sabe, não pode e não quer fazer nada serio. Assim, embora tivesse annunciado um sarau-litero musical tem o prazer de communicar que, além de ter sido aquillo, será, agora, dansante.'

Contentamento em todas as physionomias.

Bis.

O Cipullo é o maior camarada que ha no mundo !

Falando serio, agora.

"Arlequim" não pensou nunca fosse tão grande o carinho com que o tivesse envolvido já a sociedade paulistana.

"Arlequim" teve mesmo uma surpresa com a festa do dia 18.

Estava convencido, é verdade, de que o esforço que tem empregado para realisar o programma que idealizou, e que teve a feliz idea de não publicar, seria bem recebido pelos meios cultos e elegantes de São Panlo.

Mas, o sarau do dia 18 ultrapassou a melhor espectativa.

E a nós, agora, cumpre agradecer a gentileza da directoria do São Paulo Tennis, o devotamento com que nos attenderam todos os amigos e, emfim, a infinita bondade com que fomos applaudidos.

Arlequim

* * *

Lourdes Junqueira teve hontem um dia grande, alegre e cheio. Cheio de amigas e presentes, flôres e telegrammas.

E' que ella fazia annos. Quantos, não o sabemos... porque é muita indiscreção saber-se a edade de uma mulher, e Arlequim não é indiscreto.

Seguindo o exemplo de suas amigas, cumprimentamol-a tambem.

Cumprimentamol-a, fazendo-lhe um pedido: — Que não entre já para o convento.

A primeira festa de Edith Falcão

Edith Falcão vae fazer em S. Paulo a primeira recita artistica da sua vida de theatro.

A primeira recita de uma actriz nova e talentosa não é uma festa banal. Principalmente quando essa artista traga na alma a chamma pura de um ideal. E' uma festa de ternura! E' como uma primeira communhão artistica. E' uma especie de declaração de amor ao publico, amor casto e enternecido em que se dá toda a alma em troca de flores e de sorrisos.

Excessivamente modesta, Edith Falcão ignora que tem talento. Não acredita na sua radiosa gentileza.

Quando pessoas amigas lhe affirmaram que S. Paulo merecia a emoção enternecida da sua primeira festa, não acreditou que o publico a tivesse notado. E impoz a organisação de um programma attrahente, como se de nada valesse o seu nome.

Foi resolvido fazer-lhe a vontade, só porque assim poderão ser apreciadas as multiplas e brilhantes facetas do seu privilegiado temperamento artistico. E, dessa forma, na noite de 17 de Janeiro, entre as palmas e as flores da mais distincta sociedade de São Paulo, Edith Falcão enternecer-nos-ha num lindo episodio dramatico de Julio Dantas, fará rir a sala inteira numa das mais hilariantes comedias francezas, encantar-nos-ha nos melhores numeros de uma explendida revista em 1 acto e cantará trechos de opera e opereta num acto variado, que assumirá proporções sensacionaes, porque todos andamos a tratar da sua organisação.

" ARLEQUIM ", muito grato á gentileza da notavel artista, que desejou collocar a sua attrahente recita sob o seu patrocinio, e prevendo á joven actriz o mais glorioso futuro na scena brasileira, convida os seus leitores e, em especial, as suas gentis leitoras, a concorrerem, com o prestigio da sua presença e o enthusiasmo dos seus applausos, para tornar inesquecivel o festival da illustre artista.

ELEGANCIAS

—Eu gosto do Anno Novo . . .

Olho-o com surpresa. Elle está enterrado no fundo da poltrona e os seus olhos quietos de sempre, que me olham, não parecem ver a surpresa dos meus.

— Acreditava que o meu amigo mau não gostasse de nada neste mundo.

— E' uma crença errada, como todas as crenças. Eu amo muita cousa nesta ilha perdida que o Senhor fez em seis dias: as arvores, as nuvens, os cães, o sol, as mulheres, e a minha pessoa.

— Está alegre hoje?

— Estou sempre alegre, minha amiga. Meus olhos e minha mascara é que nasceram com esse geito desencantado. Atraz destes, porem, ha sempre uma alegria linda como uma mulher linda.

— Mas, porque Você ama o Anno-Novo?

— Você faz uma pergunta imprudente. Só os politicos, os bachareis e as mulheres sabem o porque das cousas. Essa sciencia é uma herança dos deuses que lhes prometteram o reino dos ceus. Amo-o, eis tudo. No Anno-Novo todo o mundo anda contente, nelle todo o mundo sonha, todo o mundo espera. E Você nunca notou que as creaturas do Senhor são menos feias e menos más quando sonham e esperam? Não ha ninguem que não supplique alguma cousa ao Anno-Novo, como si elle fosse um Deus ou um dono de destinos. E é possivel que elle o seja. Uns pedem amor, outros pedem poder, outros pedem fortuna. Os homens pedem sempre as cousas que estragam a graça da vida. Felizmente, os deuses são surdos . .

— E Você?

— Eu sei que os deuses são surdos, e é possivel que o Anno-Novo seja um deus. Já lhe pedi, entretanto, muita cousa. Foi por isso, talvez, que elle não me attendeu.

— E Você o ama apezar disso?

— Eu o amo por isso mesmo. E depois, em troca do que lhe pedi, elle me deu a unica cousa que não sonhei pedir, o maior presente que um deus possa dar a um homem: essa doçura inalteravel de olhar a vida, essa feli-

cidade boa de não esperar, não desejar . E Você, minha amiga, que pensa do Anno-Novo?

— O que penso das joias modernas decretadas pela moda — um lindo conto do vigario.

— Como são as joias modernas?

— Falsas e lindas.

— Reconcilio-me com a moda.

— Por causa das joias falsas?

— Sim. Não ha joias falsas, não ha joias verdadeiras. Os vidros são tão lindos como as chamadas pedras preciosas. Foi a falta de intelligencia dos homens que os differenciou, a eterna mania mercantil de dar um preço a todas as cousas. A humanidade só tem um senso para julgar as bellezas desse mundo, o triste senso do preço. As mulheres começam agora a reparar a tolice millenaria. Não é atôa que Maeterlink as julga mais perto dos deuses.

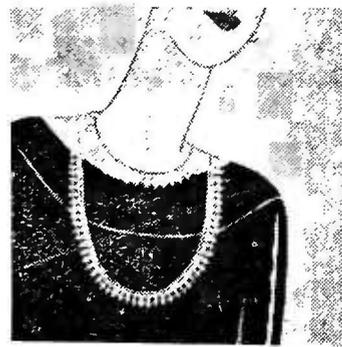
* * *

Era preciso que eu falasse hoje sobre as novas joias decretadas pela moda. Falei em Natal. As joias modernas são falsas, falsificaram o Natal. Não fugi do assumpto, pois.

Nunca mesmo nas epocas, as mais ricas, as mais afortunadas de nossa historia, viramse tantas e tão bellas joias. A mulher é um astro, um astro resplendente. Cada movimento de seus braços cerceados de pulseiras, de suas mãos com os dedos carregados de anneis, desprende uma profusão de scentelhas, uma irradiação movente e quasi continua.

Os joalheiros deram taes dimensões aos brilhantes e ás perolas, que não se pode conseguir ultrapassal-os, por isso procura-se actualmente pedras de phantasia, os quartz, jades e coraes, sem duvida alguma de menos valor, mas de uma riqueza de cores que se harmonisa admiravelmente com nossas toilettes.

E' tolerado e mesmo apreciado a combinação dos ricos diamantes puros, das esmeraldas as mais limpidas, com as pedras chimicas, consorcio de grande ousadia, mas deveras apreciavel.

Em cada estação, uma nova phantasia vem trazer sua nota original. E' a vez do strass. Eis os collares de strass, lagrimas brilhantes encastoadas, que scintillam como verdadeiros diamantes. Alegram as toilettes sombrias.

Faço-vos notar que muitas mulheres das mais elegantes usam no momento actual, ou um collar verdadeiro, ou uma phantasia de chanel, não a volta do pescoço, mas sim nos hombros. O collar é preso nos hombros e cahe na frente e nas costas.

Porque em materia de joias, e para ser-se « dernier cri », a maneira ds usal-as é muitas vezes mais importante do que as joias em si mesmas.

MARILÚ

Café Academico

Paulistas, os Irmãos Leal adquiriram, ha varios annos, nesta capital, o «Café Academico», á praça do Patriarcha, esquina da rua São Bento. Trabalhadores e intelligentes, tiveram desde logo a preferencia do publico, que lhes enchia o estabelecimento dia e noite. E tão frequentado foi ficando o «Café Academico», que os Irmãos Leal se viram obrigados a abrir uma outra casa, á avenida de São João, perto da praça do Correio.

Forçados por motivos de força maior a deixarem o antigo predio que occupavam na praça do Patriarcha, abriram agora nova filial do «Café Academico» no largo de São Bento e pretendem, na primeira opportunidade, installar a sua nova matriz á rua Direita. Dizer que o publico os acompanha sempre, é inutil. Basta olhar a photographia que damos nesta pagina, onde se verão, tambem, as bellas installações, o optimo corpo de auxiliares, emfim, tudo isso que representa o esforço que os Irmãos Leal têm feito para bem servir o publico de São Paulo.

CARATATEUA

(Impressão musical da festa de São Benedicto)

Na praça. De tarde. Ha batuque. Tambores.
Domingo de festa de São Benedicto.
O sol se mistura,com um sorriso, na alegria de Caratateua
Toda engravatada de bandeirolinhas.

E os negros chegam, na "chegança". O carimbó toca
apressado :
E' domingo de festa de São Benedicto.

Na bocca do matto, de pouco em pouco, espoucam foquetes.
Vem chegando a procissão, com o santo no andor, enfeitado de fita.
E, num passo grave, desfilam as velhas de olhos lugubres, conversando com Deus :
" .. não nos deixeis cahir em tentação... Amem".

"As conta do meu rosario
são bala de artieria
Si o santo dos preto não ajuda, meu Jesus,
Triste de nois ! Ai que seria !"

Na velha capella da praça bate um sino :
"Quem dá, dá ; quem não dá, não tem nada que dá.
"Quem dá, dá ; quem não dá, não tem nada que dá".

Abrem-se alas, em confusão, para o recebimento do
santo que vem de viagem.
Vem dansando e gingando, enfeitado de fita.
Bate o pandeiro ; o tambor-onça bate-bate.
— E' domingo de festa de São Benedicto.

RAUL BOPP

Flagrantes da Paulicéa

Emquanto engraxo a botina,
Vem ter á minha retina
A cidade que deslisa...
Vou vendo e observando.
E a cidade vae passando
Mas em fraldas de camisa...

E vejo logo a meu lado
Um "almofada" encostado,
Com sorriso cretinoide...
E' imberbe, de falla fina...
Figurinha feminina,
— Um perfeito Harold Lloyd..

Só sabe vender gravatas:
—« Compra, freguez, são baratas !
Gravatas para vender ! »
E a pensar um tempo estive
Que ha muito rapaz que "vive"
Do não ter o que fazer...

Vem vindo agora um velhinho
Trazendo o chapeu na mão,
Somente encontra o caminho
Pondo a bengala no chão.

— Esmola por caridade
Este ceguinho vos pede... »
A vista não lhe concede
Ver a vida ! A claridade !

A esmola jamais eu nego,
Pois nos augmenta a virtude
Ouvindo dum pobre cego:
—« Deus lhe pague ! Deus lhe ajude...

Dou a esmola e dou o "estrillo":
— Esta cidade adiantada
Devia ter um asylo
De cegos ! E não tem nada !

—« Pipoca ! Mindoin torrado !
Tô...rradinho ! Olha o pinhão ! »
Um mulatinho "queimado",
Por um preço quasi dado,
Nos vende uma indigestão !

Agora um grande berreiro:
Apparece um jornaleiro
A gritar no meu ouvido:
—« Jornaes do Rio! Jornal!
O desastre da Central!
Mulher que mata o marido!... »

E tudo depressa passa
E se evapora da idéa!
No fundo a gente acha graça...
— São cousas da Paulicéa...

DR. FELIX

Cartas a um sceptico

I

Amigo

Revi-a hontem. Entre nós dois o olhar é calmo, a compostura fria, a saudação affectadamente polida e affavel.

E, comtudo.. Sim, comtudo, eu sinto todo o postiço deste nosso proceder. Ha nelle a falsidade classica dos amantes que não querem se reconciliar, mais do que isso, dos que não podem se reconciliar.

Amor que começou de esguardos não teve a sólda brutal e fragil da palavra: nunca nos falamos. Fomos sempre, de longe, uns mudos adoradores das formas e do silencio.

Amor que viveu de attitudes, não teve a juncção desoladora de uma valsa. Viveu de longe, espreitandose nos olhos.

E cortou-se, de chofre, ao peso doloroso de uma palavra alheia.

Cortaram-n'o... não morreu.

Eu n'o sinto na pose estraordinariamente inflexivel que ella assume. Relata-se, vivo, nitido, como um traço falso, no seu ar de dominadora.

Ella me ama, ella me ama ainda, tanto, mais do eu a amo.

II

Não, meu amigo, não acho possivel a reconciliação.

E' inutil que me digas, muito maldosamente, que ella se dará quando sobrepujar o sensualismo ao amor proprio. Desgraçadamente, não se trata de amor proprio. O orgulho não nos distancia: o sentimento não poderá nos reaproximar.

Entre nós dois, não ha amúo, ha, peor, desencanto.

Rias-te mephistophelicamente embora, mas o nosso mal vem de havermos falado.

Querendo a todo transe mostrar a indifferença mutua, a completa desligação, fomos civilmente polidos, cortezmente delicados : a principio, falaram, por nós, no fim, falâmos nós mesmos.

E falâmos de banalidades..

Comprehendiamos o desespero desta adoração muda e interior, feita toda de sombras e de silencio, sagrada como uma nave de igreja a evolar incenso, merencorea como um orgam a ampliar sensacões... Falar, romper o castello de tantos sonhos com os pesados moldes da palavra.

E perdemo-nos, perdemo-nos completamente.

Somos hoje dois estranhos que se amam, dois individuos desconhecidos que trazem na alma, sob o manto da indifferença, o mesmo amor, a mesma unidade de vistas, a mesma harmonia do Ideal... e que no emtanto se repellem.

O encanto residia no silencio... e nós partimol-o.

Nunca mais !

III

Vão para o diabo as theorias, os sonhos, o mysticismo. Penso que tinhas, talvez, rasão quando dissestе que o sensualismo venceria o meu amor-proprio. Aparte o exaggero do vocabulo, o resto parece-me certo.

Amo-a de novo, mas novamente.

Tudo mudou.. Amei-a no silencio da alma que scisma.

Agora tenho a estranha impressão de um raio de sol, vivido, calido, trefego, violando a morna suspensão melancolica da sombra de uma abside

Ha uma especie de profanação irreverente neste meu novo amor, varejando, aos gritos, a sagrada capella de minha alma onde a "outra" adoração se aninhava, mesta, dentro de um tabernaculo... Coitada ! Ella era uma grande, uma enorme dôr que eu poetizara e que eu immobilizara no mutismo grandioso das evocações. Tudo nella vivia absorto

E agora sinto quasi a revolta desta minha actual maneira de amar, tão differente, tão cheia de sól e movimento que eu chego a julgar que a causa toda do rodar do globo é Ella.

E tenho uma immensa, uma irresistivel vontade de a vêr, de lhe falar, de lhe gritar: «Amo-te !» fortemente, violentamente, como se isso me desse a satisfacção intima de me ouvir, de me desmentir e de me crer.

ARLEQUIM

O Primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo o namorado, por menos amigo das musas que seja, perpetra por ahi a sua literaturazinha ás occultas Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos Motivos de Proteo, escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de Ariel. Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos hoje um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos fôr enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.

SABEDORIA

Não te achegues a mim, nem por um momento
siquer
Afinal, eu sou homem e és mulher...

Não te achegues a mim, sinão, depois,
veriamos surgir, entre nós dois,
o arrependido desencantamento.

Fica perto de mim, sem nunca me tocares,
acariciando-me com teus olhares,
com tua vóz, com teu sorriso... e nada mais.

Viverá sempre o nosso amor, então,
na enlevada illusão
de que nós somos immateriaes.

Antonio Ayres

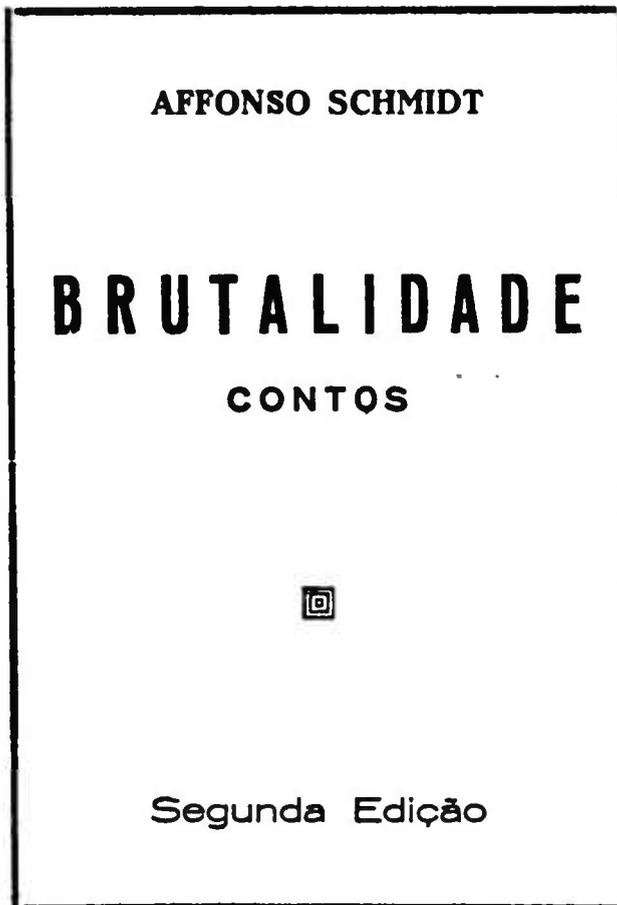
MEU CORAÇÃO

Era um fruto vermelho,
rubro, occulto na sébe de espinheiro.
Viste-o ; e, soffrega, e, docil ao conselho
do teu genio vivaz e prazenteiro,

procuraste colhel-o ; e, cautamente,
para que não te ferisse agudo espinho
foste afastando os ramos de mansinho,
para apanhar o fruto rubro-ardente.

Mas, ai ! mal o tocaste, o fruto lindo
resvalou-te da mão
e, abandonado ao proprio peso, inerme,
a ferir-se, a rasgar-se na epiderme,

foi tombando e caindo,
té que inanido, espapaçado, exangue,
a vasar-se do sumo, que é seu sangue,
foi jazer sobre o chão.
Meu pobre coração.

Faria Neves Sobrinho

Josephina Stefani-Bertacchi

Iniciamos hoje a publicação de algumas poesias de d. Josephina Stefani-Bertacchi, distinctissima professora italiana, ha longos annos residente em São Paulo e que se especializou na traducção dos nossos melhores manejadores do verso, como Vicente de Carvalho, Olavo Bilac, Castro Alves, Raymundo Correa, Amadeu Amaral.

As traducções dos poemas de Vicente de Carvalho foram feitas ainda em vida do illustre vate santista e elle as acompanhou á medida que iam sendo realizadas.

D. Josephina Stefani-Bertacchi pretende dar-nos, mui brevemente, uma anthologia italiana de alguns dos nossos grandes poetas, livro que alcançará, sem duvida, grande exito entre nós, onde a colonia italiana é grande e terá infinito prazer de entrar, no seu proprio idioma, em contacto com as producções mentaes brasileiras.

Para que os nossos leitores possam verificar que D. Josephina Stefani-Bertacchi não é apenas uma habilissima traductora, senhora dos segredos e das nuances de nossa lingua e capaz de transfundir no verso italiano o sabor tropical dos versos nacionaes, mas tambem uma excellente poetiza, inserimos, em primeiro logar, o bellissimo "Omaggio" a Vicente de Carvalho em que estão vincadas as suas mais fortes qualidades: o vigor do rytmo e a facilidade de expressão.

A Vicente de Carvalho

OMAGGIO

Tu nascesti sul mar, sul mar selvaggio degli arenosi lidi solitari;

Sul mar che ti cullò, bimbo gagliardo, e ti dié il senso musical del ritmo, che t'inspiró, poema e vate ei stesso, nel mattino di sol dé tuoi vent'anni, quell'intenso e gentil canto d'amore, che vivrá eterno perchè eterno é il sogno.

Lo non nacqui sul mar. D'Etruria in seno, tra vigne, olivi e castagneti in fiore, é il natio loco che la Lima parte e del suo grato mormorio consola. (1) Io non nacqui sul mar, ma lo cercai, spingendo il guardo, l'anima e il desio, oltre i confini dé miei monti azzurri. E quando il vidi alfin ne la distesa luminosa e solenne e la sua voce di milli suoni a l'anima discese, l'estasi io pur sentii de l'infinito.

Ma tu, passente scrutador d'abissi, audacemente gli squarciasti il seno, e de la cupe sue viscere ascose rivelasti l'amor, l'odio, il tormento del sogno sconfinato e ardimentoso e il furor cieco e l'ironia stridente. E partecipe pur del suo martirio, del gioco incomportabile, del rimpianto — *di tanta luce condannata a l'ombra — di tanta vita condannata a morte* — Tu pur scagliasti al cielo indifferente il grido di rivolta e la bestemmia.

Per Te il mare é il Prometeo incatenato, il ribelle fatal su cui de l'uomo il miserrimo pié non lascia l'orma. E' il gigante che attira culla e incanta, e poi con scotti fremiti e sussulti, scrolla, sbalza, rovescia e giú travolge, pur rimanendo vittima egli stesso d'un destin ch' é prescritto immoto eterno.

Grazie, Signor! Dal solitario ostello, dal pio silenzio de le cose morte, mi richiamasti un attimo a la vita. Benigno accogli de la stanca musa, col fervido saluto, i voti e il plauso, questo tremulo raggio, ultimo forse.

(1) Chi scrive é nata ai Bagni di Lucca il 25 ottobre del 1855 — La Lima, influente de Serchio, attravessa il paese.

SONETO I

(dal *Vecchio Tema*)

Sol la tenue speranza della vita
sostiene il peso e l'ansia travagliata;
è l'esistenza infin, ben definita,
una grande speranza ognor frustata.

L'alto sogno dell'anima esiliata,
che la rende si anziosa e si accanita,
è un'ora lieta, sempre rimandata,
e che giammai non giunge nella vita.

Tal e felicità da noi supposta,
pianta miraculosa che sognamo,
dal pomi d'oro, e ché ognun crede accosta,

esiste si, ma noi non l'arriviamo;
perchè sta appena dove l'abbiam posta,
Nè giammai la ponian dove noi siamo.

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

I

Vocês, meus irmãos, correm todos no mesmo campo, mas só um 'faz goal. Dahi resulta um ensinamento que de nada tem valido; porisso, em verdade dizemos, vocês devem correr todos, cada um, porém, com a sua bola, para um goal generalisado. Não curem do porteiro goal-keeper e entrem — a victoria está do outro lado do campo.

Este conselho não é do jogo, sabemos, mas é da vida, e a vida nos ensina que entre a bigorna e o martello fica o ferro quente... Só o Diabo poderá ser ferro em brasa, nos tempos que correm. Nós queremos ser martello. Para malhar sempre, malhar de rijo, mas compassadamente — tal como o ferreiro — no ferro encandecido e molle da vida paulistana

E' provavel que tenhamos, algumas vezes, de forjar a cruz de ferro aos heroes e ferraduras de alto rompão, ou, quem sabe? tocar o nosso folle em proveito do papo dos gentios: como, porém, a forja só trabalha ás quintas, haverá tempo de sobra para se curarem os cravos alcançados e para murcharem os papos inflados pelo nosso sopro.

Vocês, em verdade, correm para receber uma taça e nós, nem um calice. Corremos só para chutar a bola que nos cahir aos pés. E' mui possivel, então, que essa bola venha a ser a literatura, a moda, o theatro, o radio, o automovel, a politica, ou qualquer outra coisa das muitas que fazem tão encantadora a bôa vida urbana.. Vocês, além de ficarem com a taça, ficam campeões — nós, nem isso! O que nos espera talvez seja menos ainda que a celebridade literaria — é a malquerença publica — ganho certo de quem escreve bem ou mal

Por hoje lhes damos os nossos parabens, "desejando-lhes um feliz e prospero anno novo", como se dizia nos cartões de bôas-festas, no tempo em que tal sandice era privilegio da elite e não tinha descido ainda á avidez dos carteiros e á bandeja irreverente dos barbeiros Lembrem-se, meus irmãos, que tudo passa neste mundo e tudo desce, de muito alto, para desapparecer muito em baixo. Tudo passa, como passaram os ridiculos cartõesinhos, como está passando o corso da Avenida e ha de passar o automovel-sport e as outras ostentações, e as outras frioleiras... Tudo passa, tudo é passa e tudo somos *nozes* que valemos muito mais que *vozes*, neste e no eterno natal da vida...

Seneca, o nosso illustre collega de epistolas, offereceu-me a sabedoria com a condição de communicál-a aos outros — obedeço e transmitto-lhes o que não quero para mim: chutem todos, simultaneamente, cada um com a sua bola, no mesmo goal. Isto não é do jogo, mas é philosophico e da epoca — vão chutando até que voltemos, na semana que vem, a lhes demonstrar que Seneca, embora não tenha ido ao cinema, foi um philosopho con*sagrado* de quem não desejamos ser con*frade* e, muito menos, com*padre*.

Paulo de São Paulo

Daremos o proximo numero de Arlequim — o numero 8 — no dia 12 de Janeiro de 1928.

Pedimos lêr, na primeira pagina deste numero 7, uma explicação sobre a publicação periodica de ARLEQUIM.